



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

MARIA LUIZA CINTRA BIONE

**PNLD - OBRAS LITERÁRIAS: DIFERENTES VISÕES DE MUNDO OU
MANUTENÇÃO DA HIERARQUIA NO CAMPO LITERÁRIO?**

RECIFE
2023

MARIA LUIZA CINTRA BIONE

**PNLD - OBRAS LITERÁRIAS: DIFERENTES VISÕES DE MUNDO OU
MANUTENÇÃO DA HIERARQUIA NO CAMPO LITERÁRIO?**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Graduação em Letras
Português Licenciatura, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras/Português.
Orientador: Prof. Ricardo Postal.

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Bione, Maria Luiza Cintra.

PNLD - Obras Literárias: diferentes visões de mundo ou manutenção da hierarquia no campo literário? / Maria Luiza Cintra Bione. - Recife, 2023. 32p.

Orientador(a): Ricardo Postal

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

1. O Programa Nacional do Livro Didático Literário (PNLD Literário) .
2. A relação entre a seleção de obras literárias do PNLD Literário e as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).. 3. Diversidade literária e perspectivas diversas no programa.. 4. Análise da sexta divisão de gêneros (romance) da seleção de obras literárias do PNLD Literário em 2020.. 5. Coleta e categorização de dados sobre os autores das obras indicadas, considerando marcadores sociais e identitários.. I. Postal, Ricardo. (Orientação).
II. Título.

890 CDD (22.ed.)

MARIA LUIZA CINTRA BIONE

PNLD - OBRAS LITERÁRIAS: DIFERENTES VISÕES DE MUNDO OU
MANUTENÇÃO DA HIERARQUIA NO CAMPO LITERÁRIO?

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras Português Licenciatura da
Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras/Português.

Data: 14/09/2023

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Postal

Universidade Federal de Pernambuco

Examinadora: Prof^a. Dr^a. Suzana Leite Cortez

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O Programa Nacional do Livro Didático Literário, PNLD Literário, é um programa de incentivo à leitura do governo brasileiro voltado à distribuição de obras literárias em escolas públicas do país. A seleção dessas obras é alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e abrange diversos gêneros literários, de modo a enriquecer a experiência educacional dos estudantes. O projeto, em seu edital, diz buscar diversidade através de várias perspectivas literárias, no entanto, o cenário literário no Brasil é uniforme, e favorece apenas alguns grupos privilegiados, tornando a literatura dominante um espaço onde somente alguns setores da sociedade têm voz. Sendo assim, objetivo deste trabalho é averiguar a sexta divisão de gêneros (romance) da seleção de obras literárias do PNLD - Obras Literárias (2020) com ênfase nas perspectivas diversas sobre o mundo e/ou na perpetuação de hierarquias no âmbito literário, examinando a presença de uma variedade de vozes, em termos de autoria, conforme preconizado pelo edital do programa e pela BNCC. Para isso, dados sobre os autores, agrupados por ano escolar e literatura nacional/internacional, das obras indicadas foram coletados e categorizados por marcadores sociais e identitários, como gênero, raça, profissão e região. Após a categorização, foi realizada uma análise qualitativa desses números, identificando se o programa estava atingindo seu propósito de promover a leitura de diferentes visões de mundo, à luz dos teóricos como Regina Dalcastagnè (2012), Conceição Evaristo (2021), Gayatri Chakravorty Spivak (2010 [1988]). Os resultados evidenciam que o PNLD 2020 não efetua a diversidade de autores como estipulado, notando-se que o perfil dos autores é branco, residente na região sudeste, com vantagens socioeconômicas e uma posição privilegiada no discurso. Portanto, a discrepância entre a composição de escritores no PNLD Literário (2020) e os princípios de diversidade declarados indica uma desconexão entre objetivos e prática. Isso questiona a eficácia do edital, levantando preocupações sobre oportunidades educacionais enriquecedoras.

Palavras-chave: PNLD Literário; Autoria; Perspectivas; Diversidade.

ABSTRACT

The Programa Nacional do Livro Didático, PNLD Literário, is a Brazilian government initiative aimed at promoting reading by distributing literary works to public schools. The selection of these works aligns with the guidelines of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC) and covers various literary genres to enhance students' educational experience. While the program's manifesto claims to seek diversity through multiple literary perspectives, the Brazilian literary landscape remains uniform, favoring only certain privileged groups, thus making dominant literature a space where only a few sectors of society have a voice. Therefore, the objective of this study was to examine the sixth genre division (romance) of the PNLD – Obras Literárias (2020) selection with a focus on diverse perspectives on the world and/or the perpetuation of hierarchies in the literary field. This examination involved scrutinizing the presence of a variety of voices in terms of authorship, as stipulated by the program's manifesto and the BNCC. Data on authors, categorized by school year and national/international literature, were collected and classified based on social and identity markers such as gender, race, profession, and region. Following categorization, a qualitative analysis of these data was conducted to determine if the program was achieving its goal of promoting diverse worldviews, in light of theorists such as Regina Dalcastagnè (2012), Conceição Evaristo (2021), and Gayatri Chakravorty Spivak (2010 [1988]). The results reveal that the PNLD 2020 does not achieve the intended diversity of authors; a noticeable trend is that authors are predominantly white, reside in the southeast region, possess socioeconomic advantages, and hold a privileged position in discourse. Consequently, the discrepancy between the composition of writers in the PNLD Literário (2020) and the declared principles of diversity highlights a gap between goals and practice, raising concerns about enriching educational opportunities.

Key words: PNLD Literário; Authorship; Perspectives; Diversity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O HISTÓRICO DAS VOZES NA LITERATURA.....	12
3. DIVERSIDADE E REPRESENTATIVIDADE: A avaliação das identidades autorais no PNLD literário 2020.....	20
3.1 A importância da diversidade no edital.....	20
3.2 Os autores do PNLD literário 2020.....	22
4. CONCLUSÕES.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem um histórico de quase 100 anos de programas governamentais que incentivam a leitura. O mais recente deles, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em sua versão PNLD Literário, compreende ações destinadas à distribuição de obras literárias de apoio às práticas educativas voltadas aos estudantes e professores de escolas públicas do país. Até o momento, o PNLD Literário teve apenas duas versões. Após ser sancionado em 2017, o programa lançou seu primeiro edital em junho de 2018, que tinha como foco a seleção de acervos para turmas da educação infantil (creche e pré-escola) e para os primeiros anos do ensino fundamental (1º a 5º ano). Somente na edição seguinte, em 2020, é que as turmas dos últimos anos do ensino fundamental foram incluídas.

O segundo edital dividiu as obras em duas categorias. A primeira, que engloba os exemplares direcionados ao 6º e ao 7º ano do Ensino Fundamental; e a segunda, ao 8º e 9º ano. Além disso, a publicação divide os gêneros em seis grupos, são eles: 1. Conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; 2. Livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos; 3. Memória, diário, biografia, relatos de experiências; 4. Obras clássicas da literatura universal; 5. Poema; e, 6. Romance.

Por ser inscrito no contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o PNLD Literário, assim como o documento oficial, enxerga, como necessidade da escola, o compromisso de proporcionar uma formação integral dos alunos, de modo a desnaturalizar qualquer forma de violência da contemporaneidade, incluindo as violências simbólicas que não estabelecem diálogos entre as diferenças (Brasil, 2018).

No que se refere às formas de promover a comunicação entre essas dessemelhanças, a BNCC enxerga a arte e a literatura como canais poderosos para prática de respeito para com o Outro:

[...] destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o *contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos*, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo *reconhecimento do que é diverso*, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (Brasil, 2018, p.141, grifos nossos)

Assim, por estar inserido nas diretrizes da BNCC, um dos objetivos do PNLD Literário é o de democratizar o acesso às fontes de informação e cultura, como podemos no excerto abaixo, retirado do Guia:

Para o PNLD 2020 - Obras Literárias, considerou-se que as obras literárias, em língua portuguesa, voltadas ao(à) jovem leitor(a) do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) podem potencializar a capacidade de reflexão quanto a si, aos outros e ao mundo que os(as) cerca. Essas obras podem também proporcionar o contato com a diversidade em suas múltiplas expressões, por meio de uma interação cada vez mais qualificada e crítica com a cultura letrada, sem descuidar da dimensão estética. (Brasil, 2019, p. 10)

Ademais, o programa pretende proporcionar o contato com diferentes visões de mundo, de modo que os estudantes consigam estabelecer, a partir dos textos literários, os múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, considerando a autoria e o contexto social e histórico de produção.

Se, por um lado, o projeto de incentivo à leitura visa promover a diversidade a partir das múltiplas perspectivas literárias, há, por outro, a problemática de que o campo literário brasileiro é homogêneo. Ou seja, a “literatura dominante”, aquela escrita pelas perspectivas e experiências dos grupos sociais que detêm o poder, configura-se como um local em que apenas alguns grupos privilegiados da sociedade conseguem se manifestar. No entanto, tal fato não ocorre pela falta de produção literária por parte das comunidades marginalizadas, mas pela exclusão das obras dessa população do sistema literário.

É difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de *problemas*, que pode parecer apaziguado, mas *que se revelam* em toda a sua extensão *cada vez que algo sai de seu lugar*. Isso porque todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa. Daí o estabelecimento das hierarquias, às vezes, tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer. [...] A não concordância com as regras implica avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito, quase sempre, muito bem disfarçados. Por isso, a necessidade de refletir sobre como a literatura brasileira contemporânea, e os estudos literários, situam-se dentro desse jogo de forças, observando o modo como se elabora (ou não se elabora, contribuindo para o disfarce) *a tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu “devido lugar” e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado*. (Dalcastagnè, 2012, p.5-6, grifos nossos)

Semelhantemente ao que é posto por Dalcastagnè (2012), Gayatri Chakravorty Spivak (2010 [1988]), no seu ensaio *Pode o subalterno falar?*, vai pontuar que a autoridade e legitimidade na literatura não devem ser baseadas na identidade do autor, mas que as estruturas coloniais e patriarcais moldaram a literatura e as práticas críticas, favorecendo certas formas de escrita e de conhecimento em detrimento de outras. Ela critica a tendência da crítica literária ocidental em valorizar autores brancos e masculinos em detrimento de autores

de outras raças, etnias e gêneros, afirmando que essa preferência está ligada a questões de poder e dominação.

A autora ainda argumenta que a literatura deve ser vista como uma forma de conhecimento que pode contribuir para a transformação social, mas para que isso ocorra, é necessário questionar e subverter as estruturas de poder que moldam a produção e a crítica literárias. Diante disso, ela propõe uma abordagem crítica que leve em conta as questões de raça, gênero e classe social, buscando ampliar as vozes e perspectivas presentes na literatura e na crítica literária.

Percebe-se, portanto, como as ausências de vozes não-hegemônicas são fortemente condicionadas por uma cultura que tolera apenas certas linguagens, certas imagens, certos pontos de vista. Essa cultura não é, de modo algum, simplesmente uma ausência de consciência ou uma falta de perspectiva; é a expressão ativa de um poder político, social e econômico que molda e dirige nossa vida cotidiana. Partindo disso, Conceição Evaristo (2021) denuncia que o problema, no que se refere às autoras literárias negras brasileiras, em específico, não é só da ausência delas, mas de um projeto de exclusão, de invisibilidade, de marginalização que atinge o conjunto da população negra e suas expressões culturais.

Assim, notamos a existência de duas tensões na nossa sociedade: a do entendimento da literatura como uma expressão artística baseada na pluralidade de perspectivas e a de determinados grupos sociais muitas vezes serem invisibilizados de certos lugares de prestígio, inclusive do campo literário. A partir disso, a justificativa desse trabalho se dá pela necessidade de verificar se o PNLD Literário (2020) consegue conciliar essas duas adversidades como propõe no seu guia:

Para o PNLD 2020 - Obras Literárias, considerou-se que as obras literárias, em língua portuguesa, voltadas ao(à) jovem leitor(a) do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) podem potencializar a capacidade de reflexão quanto a si, aos outros e ao mundo que os(as) cerca. Essas obras podem também proporcionar o contato com a diversidade em suas múltiplas expressões, por meio de uma interação cada vez mais qualificada e crítica com a cultura letrada, sem descuidar da dimensão estética (Brasil, 2019, p. 10).

Diante disso, esta pesquisa pretende, devido à extensão do acervo do programa, lançar o olhar em apenas uma das divisões dos grupos dos gêneros literários, o sexto, em específico (6. romances), para refletir sobre as seguintes questões: 1. A lista dos escritores do conjunto de obras selecionadas pelo PNLD Literário (2020), relativas à sexta categoria de gêneros, promove a leitura de diferentes visões de mundo ou corrobora com a manutenção da

hierarquia dentro do campo literário? 2. Quais as características predominantes desses autores? 3. E de que forma essas escolhas podem refletir na formação do leitor literário?

Assim, é objetivo deste trabalho investigar a sexta categoria de gêneros do PNLD Literário (2020) com foco na emergência de diferentes visões de mundo e/ou manutenção da hierarquia no campo literário, verificando se há pluralidade de vozes, no que se refere à autoria, no acervo do PNLD Literário (2020), como proposto pelo edital e pela BNCC; e compreendendo as relações de predominância nas escolhas de escritores das obras literárias no programa.

Por fim, a estrutura deste trabalho foi organizada em 4 seções. Esta primeira, introdutória, seguida pela seção denominada de “O histórico das vozes na literatura”, em que será discutida a exclusão histórica de vozes femininas, negras e periféricas na literatura, com base nos teóricos, como Regina Dalcastagnè (2012), Conceição Evaristo (2021) e Gayatri Chakravorty Spivak (2010 [1988]), evidenciando como o campo literário frequentemente marginalizou essas perspectivas. Na terceira, intitulada “Diversidade e representatividade: a avaliação das identidades autorais no PNLD Literário 2020”, analisaremos o PNLD Literário (2020), focando na importância da diversidade no edital e na avaliação das identidades autorais, como também, traremos os dados sobre a representatividade de gênero, raça, região e profissões dos autores das obras selecionadas, e as implicações deles para a inclusão e formação dos estudantes. Por último, a conclusão do trabalho.

2 O HISTÓRICO DAS VOZES NA LITERATURA

Historicamente, a legitimação de uma literatura de qualidade é baseada na raça, no gênero e na classe social da voz autoral. Os apagamentos de obras de autorias femininas, negras e periféricas já foram percebidos pela crítica especializada ao decorrer das histórias da literatura universais, e a situação brasileira não é uma exceção desse sintoma. Como prova disso, Regina Dalcastagnè (2012), em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, aponta que, de todos os romances publicados pelas principais editoras do Brasil, num período de 15 anos, a parcela dos autores masculinos compunha 72% da amostra. Outro dado mais chamativo referia-se à homogeneidade racial, que atestava ser pessoas brancas 93% desses escritores.

Além disso, o estudo observou que mais de 60% eram naturais de estados da região Sudeste, especificamente do Rio de Janeiro e São Paulo; e majoritariamente ocupavam profissões consideradas privilegiadas no que se refere à produção de discurso, como os meios jornalísticos e acadêmicos. A partir disso, é possível observar o campo literário brasileiro como um lugar extremamente homogêneo.

A autora ainda pontua que, indubitavelmente, presenciamos uma expansão dos espaços de publicação, seja por meio de grandes editoras comerciais, pequenas editoras independentes, publicações pagas, entre outros. No entanto, isso não implica que todos esses espaços sejam igualmente valorizados. Afinal, publicar um livro não automaticamente confere a alguém o *status* de escritor reconhecido, alguém que figura nas estantes das livrarias, ou até mesmo em programas governamentais, como o PNLD Literário. Essa falta de reconhecimento muitas vezes se manifesta na valorização desigual dos espaços de publicação, como destacado pela autora no trecho a seguir:

Sem dúvida, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, blogs, sites etc. Isso não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma [...]. *Basta observar quem são os autores que estão contemplados em vários dos itens citados [nas livrarias, nas resenhas de jornais e revistas, nas listas dos premiados em concursos literários, nos programas das disciplinas, nas prateleiras das bibliotecas], como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não têm as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo.* (Dalcastagnè, 2012, p. 6, grifos nossos)

Esse cenário resultou em um crescente debate sobre a invisibilidade de grupos marginalizados, e, conseqüentemente, sobre a inclusão deles na literatura brasileira e em outras formas de expressão, englobando todos aqueles que enfrentam estereótipos e desvalorização dentro da cultura dominante, seja em função de gênero, etnia, cor, orientação sexual, posição social ou qualquer outro critério.

A partir disso, é cabível entender, portanto, que o silêncio imposto aos marginalizados é encoberto por vozes que os suplantam, que buscam falar em seu nome, enquanto, ao mesmo tempo, é ocasionalmente interrompido pela própria produção literária desses indivíduos. Diante disso, é admissível delimitar a “literatura dominante” como um espaço privilegiado de expressão que se aplica apenas aos modos de manifestação de certos grupos, enquanto exclui antecipadamente outras produções.

Assim, surgem os problemas atrelados ao acesso à voz e à representação — quem fala e em nome de quem — na literatura, ou, como sinaliza Dalcastagnè (2012), esse quadro reflete questões de legitimidade e de autoridade — conceitos distintos, mas que, não por acaso, compartilham uma raiz etimológica comum à palavra autoria — na representação literária.

É importante destacar que esses dois pontos trazidos pela autora não se estendem sobre a busca de uma representação mais “correta” ou mais fiel, pois é possível que as vozes literárias dominantes falem sobre os grupos excluídos e que produzam boas obras. O que se evidencia não é apenas o fato de a literatura oferecer certas representações da realidade, mas sim que essas representações não abarcam a totalidade das perspectivas sociais. Está em discussão as múltiplas visões de mundo que estão silenciadas, subordinadas àqueles que monopolizam os lugares do discurso no acesso à voz, fazendo com que se perca a diversidade de pontos de vistas:

O termo chave, nesse conjunto de discussões, é representação, que sempre foi um conceito crucial dos estudos literários, mas que agora é lido com maior consciência de suas ressonâncias políticas e sociais [...]. O que se coloca não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas, sim, que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. (Dalcastagnè, 2012, p. 19).

O conceito de perspectiva social seguido pela escritora é o proposto pela teórica filósofa e cientista política estadunidense, Iris Marion Young, que diz que os indivíduos posicionados diferentemente na sociedade possuem vivências, histórias e conhecimentos sociais distintos, decorrentes desse lugar. Conseqüentemente, portanto, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências,

moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão sentir e manifestar suas experiências de diferentes maneiras.

Uma das intenções de representar, segundo Dalcastagnè (2012), é expressar-se no lugar do outro, sendo esse ato sempre político, às vezes, legítimo, mas, frequentemente autoritário. Quando há a imposição de um discurso, é corrente que se busque legitimá-lo por meio da justificativa do maior esclarecimento, da maior competência, e da maior eficiência social do falante. Nesse caso, resta ao outro o silêncio. Se a forma como ele se expressa não é adequada, sua experiência também é desvalorizada. E todo esse processo ancora-se em disposições estruturais, visto que, em qualquer sociedade, a criação do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e distribuída através de uma série de processos que visam neutralizar seus poderes e perigos, controlar sua ocorrência imprevisível e evitar sua materialidade incômoda e ameaçadora (Foucault, 1996 [1971]).

Ainda no que tange à relevância de uma “representação representativa”, como postulado por Dalcastagnè, Spivak, no ensaio mais acima referido, aborda a questão da representação e da voz dos subalternos nas narrativas históricas. O termo utilizado, "subalterno", refere-se às pessoas marginalizadas e oprimidas, especialmente aquelas que foram colonizadas e silenciadas pelo poder colonial, “[os subalternos fazem parte] das camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p.14). E por possuírem suas vozes frequentemente apagadas e ignoradas nas narrativas dominantes, haverá sempre a perpetuação da opressão.

Apesar de Spivak abordar o silenciamento através de uma perspectiva mais historiográfica, deve-se entender a abrangência dos espaços aos quais os sujeitos são relegados, ou seja, o sujeito-vítima tem sempre sua fala intermediada pela voz de outrem não só na história, mas na área política, filosófica, artística e literária: “Devemos acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas, como está ocorrendo na antropologia, na ciência política, na história e na sociologia.” (SPIVAK, 2010, p. 111)

No ensaio, Spivak examina a relação entre o conhecimento e o poder, destacando como o discurso dominante muitas vezes impede a expressão das vozes subalternas. Ela discute o papel do intelectual como mediador entre os subalternos e o mundo acadêmico, destacando a responsabilidade de romper com o silenciamento e de representar essas vozes marginalizadas. Além disso, a autora enfatiza a complexidade e a dificuldade de permitir que o subalterno fale, uma vez que as estruturas de poder e as próprias limitações linguísticas

podem dificultar essa expressão, levantando questões sobre quem tem o direito de falar em nome do subalterno e como isso pode ser feito de maneira ética e responsável:

O processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva, uma transação entre falante e ouvinte e, nesse sentido, o espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato, não pode falar. Tal conclusão não pode ser tomada em seu sentido literal, pois o subalterno, é claro, é capaz de falar, no sentido estrito da expressão. [...] [Tal afirmação] refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um(a) outro(a). (Spivak, 2010, p. 15-16).

Para a teórica indiana, existem dois sentidos do termo "representação". O primeiro sentido é "falar por alguém", como ocorre na política, onde um indivíduo fala em nome de outros, e o segundo, é "re-presentação", como visto na arte ou filosofia, em que o artista ou pensador fala por si. Nessa primeira perspectiva, os sujeitos que falam não podem ser vistos como uma consciência que "re-apresenta" devidamente a realidade/situação. Esses dois sentidos de representação - relacionados à formação do Estado e à lei, por um lado, e à afirmação do sujeito, por outro - estão interligados, mas são distintos e descontínuos. Tentar disfarçar essa falta de continuidade com uma analogia, que é apresentada como evidência, demonstra uma forma paradoxal de favorecer o sujeito da política em questão.

Outro ponto importante tocado no ensaio de Spivak é o projeto feminista, dado que a autora reflete sobre a consciência da mulher subalterna, mencionando que essa parcela populacional é privada da história e da voz, além de ser relegada às sombras: é marginalizada na sociedade colonial em que o homem é dominante. A autora ainda argumenta que essa reflexão sobre a mulher não deve ser considerada apenas como uma questão idealista, pois ignorar o debate em torno da mulher subalterna é um gesto apolítico que perpetua o radicalismo masculino ao longo da história:

Pode o subalterno falar? A elite deve estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão "mulher" parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. [...] Relatar, ou melhor ainda, participar do trabalho antissexista entre as mulheres de cor ou as mulheres sob a opressão de classe no Primeiro ou no Terceiro Mundo está inegavelmente na ordem do dia. (Spivak, 2010, p.111)

Ainda no que diz respeito ao silenciamento de pessoas à margem na sociedade, no contexto brasileiro não se pode deixar de falar da população negra. Ao longo da história do Brasil, essa população tem sido sistematicamente marginalizada e excluída, tendo suas vozes frequentemente silenciadas ou ignoradas. Durante o período da escravidão, que durou mais de

300 anos, os africanos e seus descendentes foram tratados como propriedade, lhes tendo sido negados qualquer tipo de direito básico. Mesmo após a abolição da escravidão em 1888, as pessoas negras continuaram a ser submetidas a formas de opressão e discriminação.

O racismo se manifesta em diversas formas, desde a discriminação racial no acesso à educação, saúde, moradia e emprego, até no apagamento de suas produções em âmbitos escolares: “os escritores [negros] foram e são "apagados", diminuídos e sequer citados nos livros escolares da Educação Básica e até mesmo na Educação Superior.” (Fleischmann, 2021, p.48). Essas realidades evidenciam uma dinâmica em que as vozes e as experiências negras são frequentemente desvalorizadas ou ignoradas pela sociedade em geral.

Assim, podemos dizer que a literatura brasileira tem enfrentado um longo caminho para reconhecer a literatura escrita pela população negra. Essa dificuldade de valorização ocorre devido a vários fatores, especialmente às questões históricas relacionadas à colonização e à predominância de visões eurocêntricas adotadas ao longo dos anos:

Uma pessoa negra, além de provar que sua fala é verdadeira, precisa provar antes que tem o direito de falar; há uma estrutura racista na nossa sociedade que exclui o negro de qualquer debate que não seja sobre questões raciais, e com isso, a produção de conhecimento no Brasil e no mundo é feita fundamentalmente por pessoas brancas. (Silva, 2021, p.61)

De acordo com Eduardo de Assis Duarte (2010), a literatura afro-descendente¹ não apenas existe, mas também está presente nos tempos e espaços históricos que moldaram nossa identidade como povo; e não podemos configurá-la como única, mas múltipla e diversa. Além disso, essa literatura continua crescendo em quantidade, no entanto, a reflexão acadêmica voltada para essas obras não acompanha o mesmo ritmo e intensidade.

Ainda sobre o apagamento dessas vozes, o autor pontua que a literatura afro-brasileira está se dedicando a um projeto complementar à literatura brasileira canônica: o de construir

¹ É importante frisar que o conceito de literatura afro-brasileira do autor não é determinado apenas pela autoria, mas que a literatura afro-brasileira deve ser compreendida em sua plenitude através da interação dinâmica de cinco elementos-chave: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público. Esses componentes atuam como elementos constantes presentes em textos de diferentes épocas. No entanto, o autor ressalta que nenhum desses elementos, por si só, determina o pertencimento de uma obra à literatura afro-brasileira. É somente por meio da interação e conexão desses elementos que a literatura afro-brasileira pode ser identificada e compreendida em sua totalidade. Isoladamente, temas, linguagem, autoria, ponto de vista ou direcionamento recepional são insuficientes para definir uma obra como pertencente à literatura afro-brasileira. “No caso presente, é preciso compreender a autoria não como um dado "exterior", mas como uma constante discursiva integrada à materialidade da construção literária.[...] Desse modo, a autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto tradução textual de uma história própria ou coletiva.” (DUARTE, 2010, p.125-127)

uma escrita que não apenas represente os afrodescendentes, mas que também exponha o etnocentrismo que os exclui do universo literário e da própria sociedade civilizada: "Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na *diferença* que questiona e abala a trajetória progressiva e linear de nossa história literária" (Duarte, 2010, 135, grifos do autor).

Quando se fala da mulher negra, ela enfrenta dois tipos de apagamento que ocorrem simultaneamente na sociedade. Primeiramente, há o apagamento de gênero, pelo qual as mulheres são historicamente marginalizadas e suas vozes são silenciadas em relação aos homens, agravado pela interseccionalidade com a questão racial, resultando no segundo tipo de apagamento: o apagamento racial, ou seja, as escritoras negras enfrentam uma dupla invisibilidade, tanto devido ao seu gênero como à sua raça (Fleischmann, 2021).

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a *neurose cultural brasileira*. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (GONZALEZ, 2020, p.76)

No que tange ainda a essa temática, Conceição Evaristo, renomada escritora brasileira e uma das vozes mais importantes da literatura negra contemporânea, tem abordado frequentemente o tema do apagamento da literatura afrodescendente em suas entrevistas, palestras e escritos. Ela critica fortemente a exclusão e a marginalização das vozes negras na história e na produção literária do Brasil, e argumenta que a literatura afrodiaspórica tem sido historicamente negligenciada e silenciada.

Ela denuncia o fato de que os livros de autores negros muitas vezes são excluídos das prateleiras das livrarias, não recebem a devida divulgação e enfrentam obstáculos na distribuição. Para a autora, esse apagamento é parte de um processo mais amplo de invisibilidade e desvalorização da cultura e da história negra, pontuando que a ausência de representatividade na literatura contribui para a perpetuação de estereótipos, preconceitos e desigualdades sociais.

A escritora também destaca a importância da literatura negra como uma forma de resistência, afirmando que as vozes negras precisam ser ouvidas, valorizadas e incorporadas ao cânone literário, sendo fundamental ampliar o acesso a essas obras, promovendo espaços de discussão e reconhecimento para os autores negros. Assim, a autora elabora o conceito de *escre(vivência)*:

[...] assenhorando-se 'da pena', do objeto representativo do poder falocêntrico branco [...], [as mulheres negras] buscam inscrever no corpus literário

brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. *A escre(vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p.205, grifos da autora).

O conceito, que combina as palavras "escrever" e "vivência", é uma forma de expressão literária que busca dar voz e visibilidade às experiências das pessoas negras, especialmente das mulheres, que foram historicamente marginalizadas e silenciadas. Esse ato consiste numa abordagem literária que se baseia em sua própria existência como mulher negra, que enxerga a necessidade de incentivar suas semelhantes a escreverem sobre suas vivências, suas lutas, suas memórias, suas ancestralidades e realidades sociais e políticas, de modo a resgatar as histórias e narrativas que foram excluídas e negligenciadas pela literatura tradicional, bem como desafiar os estereótipos e preconceitos associados às pessoas negras. Como podemos observar no fragmento abaixo, conforme Evaristo, a ausência e a distorção na representação da mulher negra na literatura revelam as profundas disparidades e preconceitos enraizados na sociedade e na produção cultural brasileira:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (Evaristo, 2005, p.53).

Assim, sabendo do histórico de apagamento de diversas vozes da escrita literária, e somado ao fato que do PNLD Literário estar inserido nas diretrizes da BNCC, que enxerga a importância de proporcionar o contato com a diversidade em suas múltiplas expressões, este trabalho teve como metodologia uma coleta de dados no que se refere às vozes autorais dos livros indicados no PNLD Literário (2020) e a categorização delas a partir de critérios relacionados a marcadores sociais e identitários. Essa categorização, portanto, permitiu a separação dos dados para podermos realizar uma análise qualitativa desses números. Para isso, é importante ressaltar que os critérios definidos foram: gênero, raça, idade, profissão, região onde vive e de nascimento, e o gênero literário escrito.

Desse modo, foi realizada uma lista de autorias identificando os marcadores sociais e identitários relevantes para a análise. Os dados foram classificados em diferentes grupos, como autorias femininas, autorias negras, e periféricas. Para melhor visualização dos números, foram criadas tabelas que demonstraram a diferença entre escritores homens e

mulheres, autores negros e brancos, mulheres negras e homens negros. Além disso, fizemos a separação desses dados de acordo com os anos escolares e com a classificação da literatura, estrangeira ou nacional, de modo a observar se houve diferença na escolha das obras para os níveis de ensino e para o cenário brasileiro e internacional.

Essa análise permitiu identificar a representatividade de cada grupo dentro dos livros do PNLD Literário (2020) e avaliar se o programa está promovendo a leitura de diferentes visões de mundo ou corroborando com a manutenção da hierarquia dentro do campo literário.

É importante ressaltar que essa metodologia não pretendeu impor uma visão única ou hierarquizar a importância de uma identidade em detrimento de outra, mas sim analisar a diversidade de perspectivas nas obras selecionadas para o PNLD Literário (2020).

3 DIVERSIDADE E REPRESENTATIVIDADE: A AVALIAÇÃO DAS IDENTIDADES AUTORAIS NO PNLD LITERÁRIO 2020

3.1 A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE NO EDITAL

Enquanto o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) diz respeito à distribuição de livros didáticos de várias disciplinas aos alunos de escolas públicas, o Programa Nacional do Livro Didático Literário (doravante PNLDL) refere-se especificamente à disponibilização de obras literárias destinadas aos acervos e aos estudantes das escolas públicas.

O programa foi criado em 1985, contudo, apenas foi sancionado em 2017, por um decreto, inscrito no contexto da Base Nacional Comum Curricular, que regulamenta e especifica suas ações. Assim, são objetivos do projeto:

- I - aprimorar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas de educação básica, com a consequente melhoria da qualidade da educação;
 - II - garantir o padrão de qualidade do material de apoio à prática educativa utilizado nas escolas públicas de educação básica;
 - III - democratizar o acesso às fontes de informação e cultura;*
 - IV - fomentar a leitura e o estímulo à atitude investigativa dos estudantes;
 - V - apoiar a atualização, a autonomia e o desenvolvimento profissional do professor; e
 - VI - apoiar a implementação da Base Nacional Comum Curricular.
- (Brasil, 2018, p. grifos nossos)

A partir desses objetivos do PNLDL, podemos observar como o programa pretende ter uma abrangência muito maior do que apenas assegurar instrumentos didáticos para as escolas públicas do Brasil, pois ele deseja se transformar em um recurso revolucionário na área da educação brasileira, buscando promover uma formação mais completa tanto para os estudantes quanto para os professores (PONTES; PINTOS, 2020).

As obras literárias foram classificadas em dois grupos, levando em consideração o público-alvo ao qual se destinam; a primeira abrange as obras direcionadas aos estudantes do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental, enquanto a segunda, é voltada para os alunos do 8º e 9º ano. Cada grupo é dividido em 14 listas de coleções de livros. Ademais, dentro deles, é estabelecida uma seleção de sete temas, que possuem como objetivo abordar aspectos relevantes para a formação dos estudantes, englobando diferentes áreas do conhecimento.

Entre os temas destacados, o edital² menciona: o autoconhecimento, que envolve a reflexão sobre a própria identidade, as habilidades e as características pessoais; o mundo natural, que permite explorar e compreender os aspectos da natureza, do meio ambiente e das interações sociais; os sentimentos e emoções, que pretende proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda de suas próprias experiências emocionais e de como lidar com elas.

Além disso, é pontuado que a diversidade, identidade e inclusão são temas bastante relevantes, dado que incentivam os alunos a compreender e respeitar as diferenças culturais, étnicas, sociais e de gênero, buscando fornecer uma visão ampla e enriquecedora do mundo:

Para o PNLD 2020 - Obras Literárias, considerou-se que as obras literárias, em língua portuguesa, voltadas ao(à) jovem leitor(a) do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) podem potencializar a capacidade de reflexão quanto a si, aos outros e ao mundo que os(as) cerca. *Essas obras podem também proporcionar o contato com a diversidade em suas múltiplas expressões, por meio de uma interação cada vez mais qualificada e crítica com a cultura letrada, sem descuidar da dimensão estética.* (Brasil, 2019, p.10 grifos nossos)

A avaliação pedagógica das obras literárias do PNLDL, realizada por uma equipe de especialistas das áreas das Letras e de Educação, foi baseada em várias dimensões, como: qualidade do texto verbal e visual, adequação de categoria, de tema e de gênero literário, projeto gráfico-editorial e qualidade do material de apoio. Esses critérios foram utilizados para avaliar as obras inscritas em todos os níveis de ensino abrangidos pelo programa. Para facilitar essa inspeção, foi disponibilizada uma ficha de avaliação, em que os examinadores teriam que responder várias perguntas relacionadas aos critérios propostos.

O formulário³ de avaliação abrange uma variedade de aspectos das obras, incluindo critérios como qualidade da linguagem, uso de figuras de linguagem, conformidade com a tradição literária e ausência de elementos preconceituosos. Adicionalmente, são considerados elementos como o texto visual, a adequação ao público-alvo, o tratamento dos temas e o projeto gráfico-editorial. Entre tantas perguntas, destacamos a seguinte: “1.4.3 [O(s) tratamento(s) dos temas] Possibilita(m) confronto(s) entre diferentes perspectivas ou visões de mundo?” (Brasil, 2019, p.19), uma vez que observamos, a partir dela, a importância que o edital concede ao reconhecimento de “diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e,

² O guia pode ser acessado na página do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/gui-a-do-livro-didatico/escolha-pnld-literario-2020>> Acesso em: 26 de ago. de 2023

³ As perguntas estão presentes no guia acima.

pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade” (Brasil, 2018, p. 154).

Assim, o edital adota uma abordagem inclusiva, promovendo a valorização da diversidade e de perspectivas sociais, conforme previsto na BNCC:

Dessa forma, como assinala a BNCC, é necessário que os estudantes dos Anos Finais possam entrar em contato com “diferentes gêneros, estilos, autores e autoras” que sejam “contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países” (Brasil, 2018, p.154). Isso implica que as obras devem representar múltiplas variedades da língua portuguesa e diversidade no que tange à autoria (expressiva quantidade de autoras mulheres) e no que tange ao contexto de produção (devem ser apresentadas obras, por exemplo, de autores/as africanos/as) (p. 49).

Ademais, critérios eliminatórios foram estabelecidos para garantir a qualidade literária e estética das obras, como a isenção de erros linguísticos, a ausência de apologia a preconceitos ou estereótipos e a correspondência com a categoria, tema e gênero literário declarados na inscrição. Também foi exigida a presença de prefácio/apresentação contextualizando o autor e a obra, bem como de material de apoio adequado ao trabalho com o texto literário em sala de aula.

Em suma, o PNLDL (2020) possui objetivos que buscam aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, garantir a qualidade do material utilizado, democratizar o acesso à informação e cultura, fomentar a leitura e o desenvolvimento dos estudantes, apoiar os professores e contribuir para a implementação da Base Nacional Comum Curricular. A seleção pretensamente criteriosa das obras literárias, considerando temas relevantes e a diversidade de perspectivas, reflete como o edital está ciente do compromisso com a inclusão e a formação completa dos estudantes. A avaliação pedagógica e os critérios estabelecidos parecem também assegurar a qualidade literária e estética das obras, bem como o respeito aos princípios de diversidade e valorização da pluralidade cultural.

3.2 OS AUTORES DO PNLD LITERÁRIO 2020

O acervo de obras do PNLDL (2020) da sexta categoria de gêneros (romances) é composto por um total de 99 títulos de obras literárias distintas⁴. No entanto, é importante ressaltar que muitos desses títulos se repetem nas listas de coleções de livros presentes no

⁴ O acervo pode ser acessado na página do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/gui-a-do-livro-didatico/escolha-pnld-literario-2020>> Acesso em: 26 de ago. de 2023

edital. Isso significa que, embora existam 99 títulos diferentes, a quantidade física de livros que a escola receberia seria maior, devido à presença de repetições.

Dentre esses 99 títulos, 48 romances são destinados aos alunos do 6º e 7º anos, enquanto os outros 51 são voltados para os estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental - anos finais. Além disso, o edital disponibiliza tanto obras de literatura nacional quanto estrangeira, com 66 títulos da literatura nacional e 33 títulos da literatura estrangeira.

Para nossa análise inicial, optamos por observar a distribuição de gênero (homem e mulher) dos autores do acervo. Os seguintes dados foram identificados:

QUADRO 1 - IDENTIDADE DE GÊNERO NO PNLD LITERÁRIO 2020

ANOS	MULHER	HOMEM
6º - 7º Anos (literatura nacional)	13	20
8º - 9º Anos (literatura nacional)	12	17
6º - 7º Anos (literatura estrangeira)	8	6
8º - 9º Anos (literatura estrangeira)	8	11
Total	41	54

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme os números apresentados, podemos notar que, inicialmente, a diferença entre o número de homens e mulheres no geral não é tão expressiva, havendo apenas 13 homens a mais do que mulheres no total. Além disso, na literatura estrangeira, a relação entre homens e mulheres é quase equivalente, com apenas um título a mais escrito por homens (17 homens e 16 mulheres).

Observando especificamente a situação da literatura brasileira, a diferença entre os gêneros é maior do que na literatura estrangeira. Nos 6º e 7º anos, há uma diferença de 7 títulos a mais escritos por homens, e nos 8º e 9º anos, essa diferença é de 5 títulos. Essa variação, à primeira vista, parece insignificante, tendo em vista que são apenas 12 homens a mais no geral. No entanto, quando consideramos o tamanho da população feminina⁵ brasileira, essa diferença se torna relevante.

A existência de uma maioria feminina na população, combinada com a maior representação de títulos escritos por homens na literatura brasileira, sugere, ainda, a falta de equilíbrio e representatividade nas obras disponíveis para os estudantes. A grande diferença

⁵ Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, há 5 milhões de mulheres a mais que homens, sendo 51,2% da população feminina e 48,8% masculina.

populacional entre homens e mulheres deveria se refletir de alguma forma no equilíbrio de autorias do PNLDL. Esses números reforçam a importância de investigar e abordar as barreiras sistêmicas e os estereótipos de gênero que podem estar perpetuando essa disparidade, a fim de promover uma literatura mais diversa, representativa e enriquecedora para todas as pessoas.

Ao confrontar esses dados apresentados com os fornecidos por Dalcastagnè, é inegável que os números desta última fonte revelam uma disparidade muito mais expressiva entre homens e mulheres no mercado editorial. Enquanto os autores do PNLDL indicam uma diferença relativamente modesta de 12 obras a mais para os homens, Dalcastagnè revela uma chocante diferença de 70% a mais de obras escritas pela população masculina. Apesar da “evolução” entre esses dois números, é fundamental reconhecer que ainda há barreiras a serem superadas para alcançar uma representação plenamente equitativa na literatura.

A busca pela equidade de gêneros no campo editorial e em programas educacionais governamentais, como no PNLDL, é uma resposta fundamental à lacuna que resulta da perda de perspectivas sociais, dado que cada indivíduo se posiciona no mundo de maneira única e singular:

Para entender a construção temporal da narrativa dos dias de hoje, é preciso lembrar que ela abarca os modos possíveis do homem e da mulher contemporâneos se situarem no mundo, representando a si e aos outros, estabelecendo uma identidade a partir do que tentam fazer, ou daquilo que alcançam dizer. (Dalcastagnè, 2012, p. 93)

Assim, a diversidade é, portanto, uma estratégia para assegurar que as múltiplas experiências, visões de mundo e narrativas sejam adequadamente representadas. Reconhecer e valorizar as distintas formas com que homens e mulheres interagem com o mundo é essencial para promover uma sociedade mais representativa, incentivando os estudantes a compreenderem (ou se identificarem com) diferentes histórias e trajetórias de vida, como o próprio Guia do PNLDL propõe: “Através do livro literário, também, nossos(as) estudantes podem ampliar sua compreensão do mundo que os(as) cerca, ter acesso a diferentes pontos de vista e ao potencial transformador e humanizador da Literatura.” (Brasil, 2019, p. 8)

Outro marcador identitário relevante que destacamos na análise da diversidade de autoria foi a raça. A consideração desse aspecto é fundamental para compreender a representatividade e a inclusão de diferentes grupos raciais na produção de conhecimento, cultura e expressão artística. Os dados apresentados por Dalcastagnè, os quais indicam que 93% dos escritores são brancos, são bastante significativos e, de fato, a amostra que foi

analisada para este estudo obteve uma conformidade com o cenário descrito pela autora, como revela o quadro a seguir:

QUADRO 2 - A QUESTÃO RACIAL NO PNLD LITERÁRIO 2020

ANOS	BRANCOS	NEGROS	OUTROS
6º - 7º Anos (literatura nacional)	31	0	0
8º - 9º Anos (literatura nacional)	28	2	0
6º - 7º Anos (literatura estrangeira)	13	1	0
8º - 9º Anos (literatura estrangeira)	16	1	2
TOTAL ⁶	88	4	2

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Esses números, 93,6% de escritores brancos no total, apontam para uma falta de representatividade de grupos raciais minoritários no cenário literário, o que pode refletir desigualdades históricas e barreiras sistêmicas que limitam o acesso e a visibilidade de escritores não brancos. A ausência de representatividade racial na literatura é uma questão de extrema importância, pois a literatura desempenha um papel fundamental na construção da identidade cultural e na formação da percepção de mundo dos leitores. Quando a diversidade de vozes e experiências é limitada, há uma perda de oportunidades para os leitores se conectarem com realidades diferentes e ampliarem seus horizontes, como também pode se reforçar estereótipos, perpetuar desigualdades e silenciar narrativas e perspectivas importantes da história e da cultura brasileira.

Além disso, os dados, que apontam uma sub-representação e falta de valorização da literatura produzida pela população negra no Brasil, refletem uma realidade de discriminação e marginalização persistente. Apesar do crescimento e relevância da literatura negra, como pontuado por Eduardo de Assis Duarte, ela muitas vezes não recebe o devido reconhecimento e espaço na sociedade, na academia e no mercado editorial.

Destacamos aqui, principalmente, os dados de autores negros relativos à literatura nacional, pois dos 31 autores direcionados aos 8º e 9º, apenas 2 são negros; e para os 6º e 7º anos, existe uma predominância de autores brancos. Ao analisarmos a realidade desses dados,

⁶ Alguns autores possuem mais de um livro no edital, havendo, portanto, 94 autores e 99 livros.

é importante reconhecer que o Brasil é um país com uma população majoritariamente negra⁷. Ademais, como o PNLDL é voltado para a rede pública de ensino, o programa atende a um número significativo de estudantes negros, que constituem a maioria dos alunos de escolas públicas⁸. Diante disso, é inaceitável que a representação literária não reflita essa diversidade, negando o acesso de estudantes a narrativas que representem suas próprias vivências e identidades.

Esse panorama vai de encontro com as diretrizes do programa, atentas ao compromisso da escola de proporcionar a formação plena dos estudantes, orientada pelos direitos humanos e princípios democráticos, que visa a desarticular as diversas formas de violências da sociedade contemporânea, “incluindo a violência simbólica de grupos sociais que impõem normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelecem diálogo entre as diferentes culturas presentes na comunidade e na escola.” (Brasil, 2018, p. 61). Isso porque, durante todas as etapas da vida escolar, mas especialmente entre os estudantes do Ensino Fundamental, esses fatores frequentemente dificultam a convivência e a aprendizagem. Conforme a passagem a seguir da BNCC, considerando as diversas culturas dos estudantes, que se manifestam de maneira não uniforme e contínua, a escola deve estabelecer um diálogo com a multiplicidade de experiências e origens para superar com êxito os desafios de seus objetivos educacionais:

Atenta a culturas distintas, não uniformes nem contínuas dos estudantes dessa etapa, é necessário que a *escola dialogue com a diversidade de formação e vivências* para enfrentar com sucesso os desafios de seus propósitos educativos. *A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, [...], fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa.* (Brasil, 2018, p.62, grifos nossos).

Como visto acima, no Quadro 2, o total de autores negros selecionados para compor a lista de livros do PNLDL é de 4 representantes. Dessa amostra, não há sequer uma autora negra brasileira, como podemos ver no quadro a seguir:

QUADRO 3 - AUTORAS NEGRAS NO PNLD LITERÁRIO 2020

ANOS	MULHER NEGRA	HOMEM NEGRO
------	--------------	-------------

⁷ Os negros representam a maioria da população brasileira. Segundo o IBGE, 56,1% dos brasileiros se declaram negros, grupo que reúne pretos e pardos.

⁸ Segundo os dados do IBGE de 2020, 27,3% dos estudantes eram brancos e 71,7% pretos ou pardos.

6° - 7° Anos (literatura nacional)	0	0
8° - 9° Anos (literatura nacional)	0	2
6° - 7° Anos (literatura estrangeira)	1	0
8° - 9° Anos (literatura estrangeira)	1	0

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Apesar da situação do homem negro brasileiro não ser favorável, esses dados, de apagamento total da mulher negra, expõem a interseccionalidade de raça e gênero, como dito por Lélia Gonzalez, enfrentada por elas. A “neurose cultural brasileira”, caracterizada por um racismo estrutural e enraizado, se articula com o sexismo, perpetuando estereótipos e preconceitos que resultam em discriminação, exclusão e violência dirigidas especificamente a essa parcela da população. Primeiramente, a mulher negra enfrenta o apagamento de gênero, a histórica marginalização das mulheres e a diminuição de suas vozes e importância em relação aos homens. E, juntamente, o apagamento racial, que surge da interação entre o sexismo e o racismo, criando uma dupla invisibilidade para as escritoras negras. Assim, percebemos na seleção de autoria do PNLDL (2020) o acúmulo de discriminação e desvalorização tanto devido ao seu gênero quanto à sua raça pelo apagamento de escritoras negras no edital.

Essa interseccionalidade entre gênero e raça tem efeitos devastadores, levando a uma experiência de opressão única e muitas vezes mais intensa do que a enfrentada por mulheres brancas ou homens negros. Observamos, portanto, a exclusão delas de espaços de poder, cultura e representação, deixando suas histórias e perspectivas marginalizadas e invisibilizadas, suas vozes silenciadas e suas perspectivas minimizadas ou ignoradas, levando a uma desvalorização de suas experiências e contribuições.

Outro critério observado foi o da região dos autores, e como é possível analisar no quadro abaixo, a concentração preponderante é de escritores oriundos da região Sudeste:

QUADRO 4 - REGIÕES DO BRASIL DOS ESCRITORES DO PNLD LITERÁRIO 2020

REGIÕES	6° - 7° ANOS	8° - 9° ANOS
Norte	0	0
Nordeste	1	2
Centro-Oeste	0	0
Sudeste	27	28

Sul	4	1
-----	---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Nas regiões Centro-Oeste e Norte, a falta flagrante de representação literária torna-se evidente, já no Nordeste e Sul, há uma notável sub-representação. É interessante pontuar que, dentre os três representantes do Nordeste na escolha das obras literárias, um deles é a renomada escritora Rachel de Queiroz, o que evidencia, ainda mais, a desvalorização de escritores contemporâneos dessa região.

Esses dados provocam uma análise crítica pertinente acerca da representatividade e diversidade cultural presentes nas obras destinadas aos estudantes, visto que tal predomínio pode sugerir uma lacuna na representação das múltiplas vozes e realidades das demais regiões do Brasil, contribuindo para uma visão limitada e parcial do panorama cultural do país. Além disso, essa centralização poderia reforçar desigualdades já existentes, subvalorizando ricas expressões literárias de outros territórios e perpetuando uma dinâmica que marginaliza escritores e temáticas de outras áreas.

Ademais, no que se refere às profissões dos escritores selecionados no edital, não é contemplada nenhuma outra ocupação para além de jornalistas, roteiristas, e professores, como podemos observar no quadro a seguir:

QUADRO 5 - PROFISSÕES DOS ESCRITORES DO PNLD LITERÁRIO 2020

PROFISSÕES	6º - 7º ANOS	8º - 9º ANOS
PROFESSOR	16	12
ROTEIRISTA/ESCRITOR	21	26
JORNALISTA	12	12
OUTROS	0	0

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Essa perspectiva ressalta uma preocupação válida, pois ao limitar a seleção de escritores a essas profissões, pode-se reforçar as visões e perspectivas já estabelecidas nesses campos, levando, mais uma vez, à falta de representação da diversidade de experiências e vivências presentes em outras ocupações e esferas da sociedade. A literatura, como uma forma de arte e expressão cultural, tem o poder de refletir e dar voz a uma ampla gama de experiências humanas, e a inclusão de escritores de diferentes profissões pode enriquecer essa

representatividade, estimulando os estudantes leitores a desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo e das diferentes perspectivas que o compõem.

A partir desses dados, podemos verificar como o PNLDL (2020) não promove uma diversidade de autorias como prevê o edital. Observamos que o perfil dos autores é, predominantemente, branco, que vive na mesma região, sudeste, pertencente a uma classe social mais favorável, e ocupante de um lugar privilegiado do discurso.

Esta atenção dada à variedade de perspectivas não é apenas uma imitação superficial de tendências acadêmicas, mas tem um significado político relevante. Segundo Dalcastagnè, existem ao menos duas razões para a relevância dessa questão. Em primeiro lugar, a expressão artística desempenha um papel importante no debate público, permitindo um acesso às perspectivas dos outros de forma mais rica e expressiva do que a encontrada nos discursos políticos convencionais. Embora como isso possa ser alcançado e quais os possíveis desdobramentos, tanto literários quanto sociais, permaneçam incertos, essa parece ser uma das missões da arte: questionar o seu tempo e a si mesma, além de incitar a reflexão sobre a nossa própria maneira de ver o mundo.

Em segundo lugar, a injustiça social possui duas dimensões interconectadas: a econômica e a cultural. Isso significa que a luta contra a injustiça requer tanto a busca pela redistribuição de riqueza quanto o reconhecimento das diversas expressões culturais dos grupos marginalizados, incluindo o valor da experiência e a manifestação dessa experiência por parte de trabalhadores, mulheres, negros, entre outros. A literatura oferece um espaço privilegiado para essa manifestação, pois ainda detém uma legitimidade social significativa. Portanto, é fundamental democratizar o processo literário.

4 CONCLUSÕES

Observamos neste estudo que a seleção de escritores no PNLDL (2020) revela um padrão marcante de representação, caracterizado predominantemente por autores brancos oriundos da região Sudeste do Brasil e com vínculos a profissões renomadas. Essa tendência levanta preocupações sobre a falta de inclusão de vozes diversas e experiências culturais de outras partes do país, além de refletir desigualdades históricas e estruturais, bem como, poder contribuir para a perpetuação de narrativas dominantes, em detrimento das perspectivas e literaturas das comunidades de diferentes regiões e grupos étnicos.

Diante das análises apresentadas, no que se refere à autoria feminina no PNLDL, consideramos, a princípio, que a diferença numérica entre os gêneros parece sutil, no entanto, o exame minucioso desses números ressalta uma disparidade significativa na representação das autoras brasileiras, especialmente quando comparada à proporção da população feminina brasileira. O fato de que a maioria populacional feminina não se reflète na paridade de títulos do PNLDL levanta questionamentos sobre as barreiras e preconceitos que podem persistir, influenciando a seleção e o reconhecimento de obras femininas.

Além disso, os 93% de escritores brancos revelam de maneira contundente o apagamento que os escritores negros têm sofrido. Essa estatística expõe a disparidade inaceitável na representação literária, refletindo a persistência de um sistema que marginaliza e subestima suas contribuições significativas para a literatura e para a cultura na totalidade. Esse cenário se torna ainda mais crítico quando consideramos que as escolas públicas atendem um grande número de crianças e adolescentes negros, sendo eles a maioria do alunado.

Reconhecemos, portanto, como a curadoria do PNLDL não tem acompanhado o ritmo expansivo e a intensidade crescente da literatura afrodescendente. E esse apagamento traz diversos prejuízos aos estudantes, posto que essas produções buscam não somente representá-los, mas também desnudar o etnocentrismo que os relega à margem do panorama literário e da própria tessitura social. A margem, longe de ser um mero espaço periférico, manifesta-se como uma força contestatória, abalando a trajetória linear e progressiva da história literária e demanda, de forma urgente, um reposicionamento crítico e inclusivo, que finalmente faça justiça às vozes silenciadas e contribua para uma representação mais fiel e abrangente da rica tapeçaria literária brasileira. Assim, observamos, a partir dos dados, como a literatura afrodescendente desenha um projeto complementar, em devir, à narrativa canônica.

Ademais, a presença de autores com origens em profissões renomadas também pode reforçar uma visão elitista da literatura, excluindo vozes de escritores que podem ter uma abordagem mais representativa das realidades sociais e culturais das comunidades marginalizadas.

Para que essa seleção literária cumprisse o interesse mais representativo e inclusivo, como consta nas diretrizes do programa, seria essencial que houvesse a presença de escritores de diversas origens étnicas, geográficas e profissionais, a fim de enriquecer o panorama literário apresentado aos estudantes e promover uma visão mais abrangente e equitativa da cultura brasileira:

Por fim, destaque-se a relevância desse campo [a literatura] para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (Brasil, 2018, p. 141)

Dessa forma, a discrepância entre a composição predominante dos escritores selecionados pelo PNLDL e os princípios declarados de reconhecimento da diversidade é uma situação preocupante e que merece atenção. Ao destacar a importância da diversidade, o edital expressa o compromisso de representar as várias vozes culturais e étnicas que compõem o Brasil. No entanto, o perfil de escritores que observamos contradiz essa intenção, sugerindo uma desconexão entre os objetivos declarados e a prática da seleção.

Esses dados não apenas questionam a efetividade das diretrizes do edital, mas também levantam inquietações sobre a possibilidade de perda de oportunidades educacionais enriquecedoras para os alunos, que poderiam se beneficiar do acesso a uma gama mais ampla de perspectivas literárias. A harmonização entre os princípios expressos no edital e a seleção de escritores é essencial para garantir a equidade, a representatividade e a relevância cultural nas obras oferecidas aos estudantes por meio do PNLDL.

Em um contexto no qual a literatura exerce um papel fundamental na construção da visão de mundo dos estudantes, a problemática sobre a representação dos subalternos, aqueles marginalizados e silenciados, levantada por Gayatri Chakravorty Spivak (2010), ganha uma dimensão especialmente crítica. Ao considerarmos a falta de diversidade de vozes autorais no PNLDL, que negligencia a inclusão de autores afrodescendentes, de outras regiões do país, e de profissões diversas, o programa não apenas reproduz a marginalização nas

narrativas literárias, mas também perpetua a opressão ao silenciar vozes que foram historicamente excluídas.

Como argumentado pela autora indiana, o poder de fala do subalterno muitas vezes é intermediado por outras vozes - e desenhamos neste estudo o perfil desse intermediador -, e isso se estende não apenas à história, mas também, como visto, à arte e literatura. A ausência de representação diversificada resulta em uma representação inadequada, com vozes subalternas tendo negadas a oportunidade de se re-presentarem através da literatura. Através dessa perspectiva, podemos entender que a exclusão de outras vozes no projeto governamental de distribuição de livros contribui para a perpetuação do etnocentrismo e da marginalização, reforçando a necessidade de uma mudança substancial na seleção e curadoria literária para proporcionar uma educação mais inclusiva, reflexiva e justa para os estudantes, como contemplado no edital e nas suas diretrizes.

REFERÊNCIAS

DALCASTAGNE, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Terceira margem, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010.

EVARISTO, Conceição. Da representação à autorepresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: Cultura AfroBrasileira*, ano 1, n.1, p.5257, ago. 2005.

EVARISTO, Conceição. Narrativas de (re)existência. In: PEREIRA, Almicar Araujo (Org.). *Narrativas da (re)existência: antirracismo, história e educação*. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996 [1971].

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *PNLD 2020: língua portuguesa – guia de livros didáticos – Ensino Médio/Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2019.

PONTES, Felipe Eversom Camargo; PINTO, Aroldo José Abreu. Programas de incentivo à leitura no Brasil: uma análise do PNLD Literário 2020. *Revista Alere*, v. 21, n. 1, p. 251-270, 2020.

FLEISCHMANN, Fransueiny Pereira. O "apagamento" das escritoras na literatura brasileira. In: DA SILVA NASCIMENTO, Marcela Regina Vasconcelos; DA SILVA XYPAS, Rosiane Maria Soares; GOMES, Jaciara. *Mulher, identidade e discurso: visões plurais v. 1*. Editora Diálogos, 2021.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

SILVA, Fernanda Santos. Uma perspectiva pós-colonial da literatura e ciberliteratura afrofeminina. In: DA SILVA NASCIMENTO, Marcela Regina Vasconcelos; DA SILVA XYPAS, Rosiane Maria Soares; GOMES, Jaciara. *Mulher, identidade e discurso: visões plurais v. 1*. Editora Diálogos, 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.